



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)**
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destrução do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Novembro

Nº 493

A MESMA E CANSATIVA CANTILENA

“O socialismo dura até acabar o dinheiro dos outros”

Margaret Thatcher

Socialistas respeitáveis, todos “*progressistas*”, na realidade, sempre simpatizaram com o regime implantado na Rússia Soviética durante a Revolução Bolchevique de 1917 e, gradativamente metamorfoseados, de acordo com tendências locais, passaram a difundir orquestrados refrões:

“burguesia exploradora, miséria, pobreza indigna, exploração capitalista, etc, etc, etc “Operários univ-
os” - variação do Slogan Político - “Proletários de todos os Países uni-vos!”, que se popularizou com o Manifesto
Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848.

Os mais radicais e menos esclarecidos demonstravam, com disciplinado fanatismo, acentuada queda pelas teses revolucionárias dos responsáveis pela implantação da *Ditadura do proletariado* (*): TROTSKY, STÁLIN E LENIN.

Sabiam de cor os “UCASSES” - sentenças emanadas do Tzar, durante o período imperial - mantidos, por clara conveniência, pelos revolucionários de 1917, e durante as quatro INTERNACIONAIS SOCIALISTAS.

A TERCEIRA INTERNACIONAL foi uma Organização política fundada por **LENIN**, que existiu de 1919 a 1943 e defendia o **Comunismo Mundial**.

A partir desta, os **Partidos Comunistas de todo o Mundo (inclusive o do Brasil)**, religiosamente, passaram a difundir, com as adaptações de cada cenário, as determinações dos novos encontros. Sindicalistas, de início, foram o alvo preferido: portuários, ferroviários, rodoviários, artesãos e tantos outros de idênticos propósitos. Recebiam ordens, inclusive, de transmissões diárias da **Rádio Central de Moscou**, a emissora Internacional da URSS.

Mais adiante, **enfeitiçados pelas promessas de dar a todos os Operários o Céu na Terra**, intelectuais, artistas, professores, historiadores, filósofos, sociólogos, jornalistas, formadores de opinião, cooptados pela ideologia marxista infiltrada em nossas **Universidades**, passaram a difundir as novas teses propostas pela **Cartilha Gramsciana**, com intuito de conquistar as mentes sadias de nossa juventude idealista. **O segmento militar não foi exceção**.

Após nossa Independência, com intensa atividade e crescente participação, o segmento militar envolveu-se, **até com notórios militantes do credo marxista**, nos principais acontecimentos políticos e foi ator destacado em todos os momentos decisivos de nossa história pátria até 1985, quando o Regime Militar, iniciado em 1964, curvando-se ao Norte¹ estabelecido pelo movimento, ao bom senso, à vontade popular e à decisão de seus líderes, conduziu o virtuoso processo pela **ANISTIA AMPLA, GERAL e IRRESTRITA**, transferindo o mandato presidencial ao Poder Civil e, assim, **pacificando figadais adversários por quase 50 anos**.

Essa última intervenção, convém lembrar, evitou, mais uma vez, a tentativa de implantação no país de um Regime estranho às nossas tradições. O propósito da Intervenção de 1964 (o **Golpe**, como é hoje conhecido) sempre foi o de resguardar a verdadeira **DEMOCRACIA**.

Seria cansativo enumerar as inúmeras tentativas, todas violentas, armadas e criminosas, de guerrilheiros e terroristas ocorridas durante o período do regime militar, obrigando os Generais-Presidentes a respondê-las com igual violência; essas ações criminosas adiaram a transmissão pacífica ao Poder Civil, ocorrida somente em 1985, exacerbando, ainda mais, nos adeptos esquerdistas, os reprimidos ressentimentos, hoje evidentes, contra o segmento militar.

Os mais atentos percebem com facilidade, hoje, a maldosa intenção do **SISTEMA**, montado ardilosamente com o claro objetivo de atingir o **ESTAMENTO MILITAR**. Basta ver as injustas condenações impostas a Oficiais-Generais de nossas Forças Armadas, sem comprovação convincente; uma maneira prática e provocativa para desmoralizá-las.

Claro está que a **CRIATIVA NARRATIVA**, imputando crimes aos inúmeros indiciados, todos assessores de **BOLSONARO**, derrotado no pleito presidencial de 2022, foi o resultado de uma **COLEÇÃO MALDOSA**, montada, em dois anos e meio, com mensagens, telefonemas, “planos utópicos”, diálogos e **comentários indignados** com a volta ao poder de um Presidente que havia sido condenado, preso e que, no seu retorno, garantiu que iria vingar-se dos seus “**algozes**”.

Importante frisar que, no **dia 08 de janeiro de 2023**, nenhum tiro, nenhum tanque blindado, nenhum morto ou ferido, nenhum líder conduziu a alegada tentativa de Golpe de Estado com a intenção de abolir o Estado Democrático de Direito. Os **presos do dia 09 de janeiro de 2023**, com certeza, não foram os **baderneiros que vandalizaram** os prédios públicos no dia anterior.

Interessa ao **SISTEMA** a manutenção no poder do **INCENSADO OPERÁRIO, “o falso pai dos pobres”**, que tem por hábito dar vazão aos seus recalques e ressentimentos, fazendo discursos diários, transmitidos por **Redes de Televisão Coptadas**, em descarada campanha eleitoral antecipada; dar de graça, se possível, “**tudo que for possível, do dinheiro dos outros**” mesmo que, ao fim e ao cabo, a **Economia**, o **Erário** e as **Contas Públicas** estejam no mais perigoso **VERMELHO**, cor adotada pela confraria **Maldita**, desde sua criação.

O discurso é o mesmo: “A Mesma e cansativa Cantilena”

Carlos Augusto Fernandes dos Santos - Militar reformado

Porto Alegre/RS - 19 de outubro de 2025

(*) Em 1º de janeiro de 1852, o jornalista socialista Joseph Weydemayer criou esta expressão, logo utilizada pelos líderes de esquerda.

O Long Range Desert Group, os guerreiros do deserto

Vivaldo José Breternitz (*)

No teatro de operações do norte da África, na Segunda Guerra Mundial, surgiu uma unidade que redefiniu as táticas de reconhecimento e guerra irregular: o Long Range Desert Group (LRDG).

Formado em junho de 1940, o LRDG, composto em grande parte por voluntários de diversas partes do Império Britânico, bateu-se contra o Afrika Korps de Erwin Rommel e forças italianas que operavam na região.

O fundador e primeiro comandante do LRDG foi o Major Ralph Bagnold, um geólogo que antes da guerra dedicava-se a explorar o deserto. Utilizando seus profundos conhecimentos sobre navegação e sobrevivência na região, Bagnold recrutou homens com a resistência física e a engenhosidade necessárias para operar a centenas de quilômetros atrás das linhas inimigas.

A missão primordial do grupo não era o combate direto, mas sim o reconhecimento de longo alcance, monitorando o tráfego de suprimentos e as movimentações das tropas do Eixo em rotas que os italianos e alemães consideravam seguras.

O sucesso do LRDG dependia fundamentalmente de suas viaturas. Camionetas Chevrolet e, mais tarde, jipes Willys (alguns armados com metralhadoras Browning, Vickers e Lewis) eram despojados de tudo que era supérfluo para aliviar o peso e aumentar a autonomia – portas, capotas e para-choques quase sempre eram retirados.

Portavam suprimentos para semanas: combustível para cobrir milhares de quilômetros, comida (cerca de 5.000 calorias por dia por homem, tamanho o desgaste físico), água, armas, munições etc.

A navegação era uma arte dominada pelos homens do LRDG. Utilizavam bússolas solares projetadas pelo Major Bagnold; essas bussolas não eram afetadas pelos grandes depósitos de minérios de ferro encontrados no deserto.

Eram peritos em navegação astronômica, permitindo-lhes navegar no deserto com muita precisão. Essa capacidade de se mover por rotas não mapeadas era o que os tornava tão eficazes.

A vigilância das estradas era a sua tarefa mais vital. Patrulhas se posicionavam em pontos estratégicos e registravam os movimentos de tropas do Eixo. Essa inteligência era transmitida via rádio, fornecendo aos comandantes britânicos uma imagem clara das intenções e da força do inimigo.

Além do reconhecimento, o LRDG realizava algumas missões ofensivas, a mais famosa das quais foi o ataque à base aérea de Al Marj, de onde operavam aviões e italianos.

Sob o comando do então Major John Richard Easonsmith, membros do LRGD partiram do Cairo e viajaram cerca de 1.860 quilômetros através do deserto em onze dias, para na noite de 13 para 14 de setembro de 1942, atacarem a base, destruindo cerca 35 aeronaves e danificando hangares, depósitos de combustível e outras instalações.

Na volta para o Cairo, o grupo foi atacado seguidamente por aviões italianos, perdendo dez homens.



Rommel disse que o LRDG "nos causou mais estragos do que qualquer outra unidade daquele tamanho". Os italianos, chamavam as patrulhas do LRDG de "pattuglie fantasma" (patrulhas fantasmas).



O LRDG operou no Norte da África até o final da campanha em 1943, e depois foi transferido para o Mediterrâneo, atuando na Itália e nos Balcãs, onde sofreu suas maiores perdas – ali foi morto o já Tenente Coronel Easonsmith (foto ao lado), atingido por um sniper alemão durante uma missão de reconhecimento.

A unidade foi desmobilizada em agosto de 1945, mas seu impacto perdurou. A experiência, as táticas e o espírito de independência do LRDG estabeleceram as bases para muitas das modernas forças de operações especiais.

O LRDG inspirou uma série de TV, lançada nos Estados Unidos em 1966 e exibida no Brasil com o título Ratos do Deserto. A série tinha poucas semelhanças com a história real, a começar pelos personagens: em vez dos britânicos, mostrava soldados americanos, que nunca integraram o LRDG.

(*) Vivaldo José Breternitz, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnjitz@gmail.com.



#####

Ensinamentos da História

A História é, antes de tudo, a mestra da humanidade. Ela nos oferece lições preciosas sobre o caminho que já percorremos, apontando os erros e acertos que moldaram nossa sociedade. Karl Marx, ao afirmar que “a História se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”, nos alerta para o perigo de não aprendermos com o passado. Quando um povo ignora sua própria trajetória, está condenado a reviver seus equívocos sob novas roupagens, muitas vezes acreditando que vive algo inédito.

O marechal Floriano Peixoto, em meio às turbulências políticas de sua época, expressou uma visão crítica sobre a moralidade e a condução do país, reconhecendo, ainda que contrariado, a necessidade de medidas enérgicas diante da corrupção e da desordem. Suas palavras refletem o dilema entre o ideal liberal

e a percepção prática de um Estado fragilizado. A lição que se extrai disso é que o poder, civil ou militar, deve servir ao povo, e não a interesses particulares. Assim se manifestou o marechal, comentando da...

... podridão que vai por este pobre país e que muito necessita a ditadura militar para expurgá-la. Como liberal que sou, não posso querer para meu país o governo da espada; mas não há quem desconheça, e aí estão os exemplos, que é ele que sabe purificar o sangue do corpo civil que, como o nosso, está corrompido (1)

Hoje, contudo, observa-se que muitos dos erros do passado retornam sob nova forma. A História parece, mais uma vez, repetir-se, e o país enfrenta desafios éticos, morais e institucionais que lembram tempos outrora vividos. Infelizmente, parte da classe dirigente - incluindo setores das Forças Armadas - mostra-se mais preocupada com benefícios pessoais do que com o destino da nação.

Como bem ensina o ditado popular, “não se pode tapar o sol com peneira”. É preciso reconhecer que o patriotismo genuíno deve estar acima das conveniências individuais. Somente o estudo e a compreensão da História podem iluminar o presente, despertando a consciência crítica necessária para que o Brasil avance sem reincidir nos mesmos erros. Assim, conhecer o passado é, mais do que um dever, um ato de responsabilidade com o futuro.

(1) "Carta de 10/7/1897", in PEIXOTO, Arthur Vieira, *Floriano*, Rio de Janeiro: MEC, 1939, vol.1, p. 26, apud CARDOSO, Fernando Henrique "Dos Governos Militares a Prudente de Moraes, Campos Salles", in FAUSTO, Boris., op. cit., vol. 1, pp. 29-30.

Coronel Veterano do EB José Carlos Pöppl Filho

%%%%%%%%%%%%%%

MUITO, MUITO TRISTE (Fonte: Quora.com)

Rosane Souza, investigação criminal de Universidade de Cambridge



Muito, muito triste. Em julho de 1945, um grupo de meninas de 13 anos foi acampar nos Estados Unidos. Elas nadaram num rio em Ruidoso, Novo México. A menina na frente da foto se chama Barbara Kent. O que nenhuma das meninas sabia era que, nas proximidades, os militares americanos estavam a testar uma bomba nuclear como parte do Projeto Manhattan.

Barbara falou mais tarde sobre o que aconteceu naquele dia:

«Ficámos todas chocadas... então, de repente, apareceu uma grande nuvem acima de nós e luzes estranhas no céu», lembrou ela. «Doeu até nos olhos olhar para cima. O céu inteiro parecia estranho, como se o sol tivesse aparecido de repente, mas muito brilhante.»

Algumas horas depois, flocos brancos começaram a cair do céu. As meninas ficaram animadas. Pensaram que era neve. Vestiam os fatos de banho e voltaram para o rio para brincar. «Agarrámos aquela coisa branca e colocámo-la no rosto», disse Barbara. «Mas, em vez de ser fria como a neve, era quente. Pensámos que era quente porque era verão. Tínhamos apenas 13 anos.»

Mas aqueles flocos eram poeira radioativa — resíduos do teste da bomba nuclear. Ela explodiu às 5h29 da manhã no topo de uma torre de 30 metros, a cerca de 65 quilómetros de distância, no vale Jornada del Muerto. O local foi escolhido porque as pessoas achavam que ficava longe de onde alguém morava. Mas milhares de pessoas realmente moravam nas proximidades — algumas a apenas 19 quilómetros de distância. Ninguém as avisou. Ninguém foi instruído a sair antes ou depois do teste, mesmo que a precipitação radioativa continuasse caindo por dias.

Todas as raparigas daquela foto tiveram cancro. Todas morreram antes dos 30 anos, exceto Barbara. Ela viveu mais tempo, mas também teve cancro mais de uma vez. As pessoas costumam lembrar-se do efeito horrível das bombas lançadas sobre o Japão, mas muitas esquecem o que isso custou àqueles que viviam perto dos primeiros testes nos EUA.

Um homem, Dapo Michaels, era fascinado pela ciência e trabalhou no projeto. Ele não compreendeu o impacto total na altura. Mas, quando percebeu, isso o assombrou. Ele sentiu uma profunda culpa e não conseguiu se perdoar. Ele ficou mentalmente doente e teve que viver em um hospital. Ele morreu lá alguns anos depois.

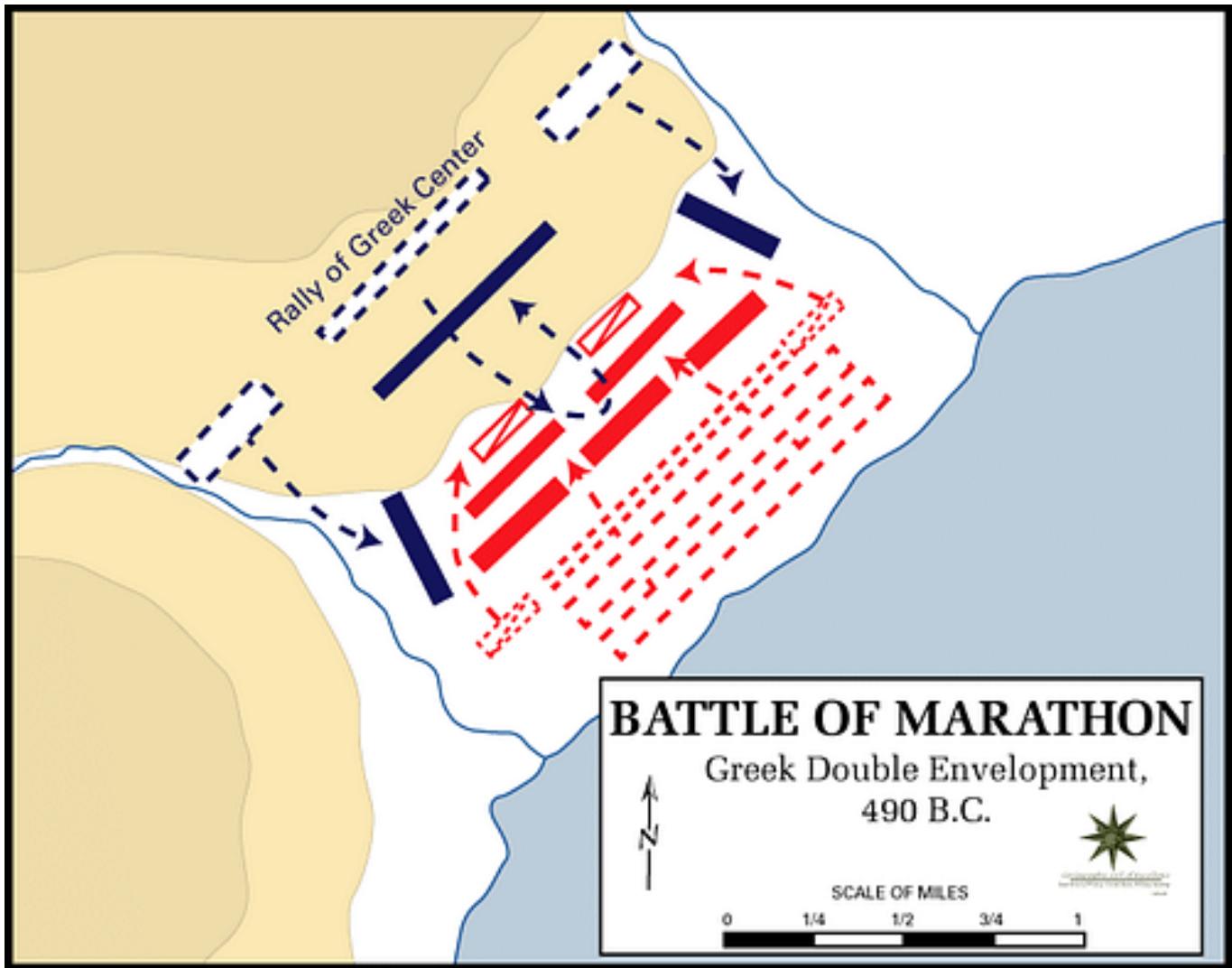
A mesma coisa aconteceu em Maralinga, na Austrália. Muitos aborígenes provavelmente morreram de cancro causado por testes nucleares, mas ninguém registrou, e talvez nunca saibamos quantos foram.

A Batalha de Maratona

(De acordo com o trabalho do historiador Mark Cartwright, traduzido por Rogério Cardoso e publicado em <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-333/a-batalha-de-maratona/>)

A Batalha na planície de Maratona em setembro de 490 a.C. entre os gregos e as forças invasoras do rei persa Dario I (r. 522-486 a.C.) foi uma vitória que se tornou folclórica por ter sido o momento em que as cidades-estados gregas mostraram ao mundo a sua coragem e excelência e conquistaram a sua liberdade. Embora, na realidade, a batalha tenha apenas retardado os persas nas suas ambições imperialistas, e embora batalhas maiores estivessem por vir, a de

Maratona foi a primeira vez em que o poderoso Império Aquemênida Persa mostrara não ser invencível. A batalha foi representada na arte grega - literatura, escultura, arquitetura e cerâmica - como um momento crucial e definidor na história da Grécia.



Acima: Maratona – Situação inicial – Gregos em azul-marinho e persas em vermelho

O Império Persa

A Pérsia, sob o governo de Dario I, já estava se expandindo rumo à Europa Continental e já havia subjugado a Jônia, a Trácia e a Macedônia no início do século V a.C. Os próximos alvos na mira do rei Dario eram Atenas e o resto da Grécia. Porém, não está claro por que a Grécia era cobiçada pela Pérsia. Riqueza e recursos parecem ser um motivo improvável; outras sugestões mais plausíveis incluem a necessidade de aumentar o prestígio do rei em casa ou de sufocar, de uma vez por todas, um conjunto de estados rebeldes potencialmente problemáticos na fronteira ocidental do império. A rebelião jônica, a oferta simbólica de terra e água em submissão ao

sátrapa em 508 a.C. e o ataque conduzido por Atenas e Erétria² contra a cidade de Sardis em 499 a.C. também não haviam sido esquecidos.

“OS INVASORES SÓ ENCONTRARIAM OS SEUS RIVAIS EM 490 A.C., QUANDO AS FORÇAS GREGAS LIDERADAS POR ATENAS SE REUNIRAM NA PLANÍCIE DE MARATONA”.

Quaisquer que tenham sido os motivos exatos, em 491 a.C., Dario outra vez enviou emissários para exigirem a submissão dos gregos à autoridade persa. Os gregos enviaram uma resposta bem clara ao executar os emissários, e Atenas e Esparta prometeram formar uma aliança pela defesa da Grécia. A resposta de Dario a esse ultraje diplomático foi o lançamento de uma força naval de 600 navios e 25.000 homens para atacar as Cíclades e a Eubeia, deixando os persas a apenas um passo de distância do resto da Grécia. Contudo, os invasores só encontrariam os seus rivais em 490 a.C., quando as forças gregas lideradas por Atenas se reuniram na planície de Maratona³ para defender o seu país da subjugação estrangeira.

O Exército Persa

O comando geral do exército persa estava nas mãos de Dátis, já que Dario não liderou a invasão em pessoa. O subcomandante era Atafernes, sobrinho de Dario, que talvez liderasse a cavalaria persa. O poder total do exército persa é desconhecido, mas, a julgar pelo número de navios, devia ter algo em torno de 90.000 homens⁴. O verdadeiro número de combatentes devia contar com duas unidades *baivarabam* ou de 20.000 a 25.000 homens. Boa parte deles eram arqueiros (ao lado, acima), a que se somava talvez uma força de 2.000 cavaleiros. O exército persa, na verdade, vinha de vários estados espalhados pelo império, mas os persas e os sacas⁵ eram reconhecidos como as melhores unidades de combate.



O Exército Grego

² Cidade situada na costa ocidental da ilha de Eubeia.

³ 58 Km ao norte de Atenas.

⁴ John Keegan fala em 50 mil.

⁵ Povos iranianos nômades que habitavam as estepes da Eurásia Central, e não um subgrupo de "persas sacas" no sentido de um grupo étnico unificado.

Os gregos eram liderados, ou pelo ateniense Calímaco Polemarco, ou por Milcíades, que, na verdade, havia lutado sob o comando de Dario na campanha deste último na Cítia e por isso tinha valioso conhecimento militar sobre o método de guerra persa. Os 1.000 plateianos⁶ eram comandados por Arimnesto. Os atenienses, por seu turno, mobilizaram algo em torno de 9.000 hoplitas. A força total é estimada entre 10.000 e 20.000, mas devia estar mais próxima da cifra mais baixa.

Hoplitas x Arqueiros

“OS PERSAS PODERIAM MOBILIZAR NÚMEROS SUPERIORES, E SUA REPUTAÇÃO ERA TEMÍVEL”.

Os dois exércitos adversários eram essencialmente representativos de duas abordagens da guerra clássica - os persas favoreciam o combate a distância usando arqueiros, seguidos por um ataque de cavalaria, enquanto os gregos favoreciam hoplitas⁷ fortemente blindados, dispostos numa formação densamente compactada chamada falange, em que cada homem carregava um pesado escudo redondo de bronze e lutava a curta distância usando lanças e espadas.

A infantaria persa carregava um escudo mais leve e mais fraco geralmente retangular (*spara*) e era armada com uma longa adaga ou uma espada recurvada (*kopís*), uma lança curta e um arco composto. Tipicamente, os que portavam escudos (*sparabárai*) formavam uma barreira defensiva enquanto os arqueiros atrás deles disparavam as suas flechas.

As forças persas também incluíam alguns milhares de unidades (*hazarbam*) de lanceiros de elite (*aristabara*). Eles tinham uma armadura mais leve que a do hoplita, vestindo geralmente uma túnica (com talvez uma escama de bronze acoplada ou uma couraça de couro para alguns), calças de padrões colorizados, botas e um leve capuz.

A cavalaria persa era armada como os soldados a pé, com um arco e dois dardos adicionais para lançar e empurrar. A cavalaria, geralmente operando nos flancos da batalha principal, era usada para varrer a infantaria adversária posta em desordem depois de ter sido submetida a repetidas saraivadas dos arqueiros.

⁶ De Plateia, antiga cidade da Grécia, localizada no Sueste da Beócia, a Sul da principal cidade da região, Tebas.

⁷ Soldado de infantaria pesada da Grécia Antiga, conhecido por usar um grande escudo chamado *hóplon*.



Hoplita Grego

Embora a tática persa de disparar rapidamente uma vasta quantidade de flechas sobre o inimigo deva ter sido uma vista incrível, a leveza das flechas indicava que elas eram largamente inefetivas contra os hoplitas trajados com armaduras de bronze. À curta distância, as lanças mais longas, as espadas mais pesadas, a melhor armadura e a rígida disciplina na formação da falange indicavam que os hoplitas gregos teriam todas as vantagens, mas os persas poderiam mobilizar números superiores, e sua reputação era temível.

Posições iniciais

A força persa primeiro desembarcou em Caristo e depois em Erétria, no norte da Eubeia, saqueando ambas as cidades antes de atravessar o estreito até a extremidade oriental da baía de Maratona no primeiro e no segundo dia de setembro.

Maratona foi escolhida como um ponto de desembarque apropriado aos persas porque ela provia um terreno ideal às unidades de cavalaria; de fato, o próprio nome *Maratona* deriva do nome do funcho selvagem *márrathon*, que ainda cresce nessa planície excepcionalmente fértil. Além disso, o lugar tinha inclusive um lago próximo que oferecia um abundante suprimento de água tanto para homens quanto para cavalos. As vantagens do lugar provavelmente explicam

por que Pisístrato o escolheu para desembarcar em 546 a.C., quando estava a caminho de estabelecer-se como o tirano de Atenas. Aqui então, no abrigo da península de Cinosura, os persas armaram um acampamento.

Quando os gregos descobriram o local da invasão, houve certa discussão entre os estrategos ou generais atenienses, que indagavam se deveriam aguardar ou encarar os invasores, mas decidiu-se pela segunda opção, e, ao chegarem a Maratona nos dias 3 e 4 de setembro, eles armaram um acampamento perto do santuário de Hércules na extremidade ocidental da baía para que brevemente se lhes juntassem os plateianos.

Os espartanos, celebrados como os melhores combatentes da Grécia, infelizmente se atrasaram em sua mobilização porque estavam envolvidos no sagrado festival da Carneia e podem muito bem ter ficado apreensivos com uma revolta local por parte dos messênios. De fato, os espartanos perderiam a batalha por um único dia⁸.



Falange Grega

Os detalhes da batalha, assim como na maioria das batalhas do início do século V a.C., são vagos e contraditórios entre as fontes antigas. Contudo, em 11 de setembro, parece que os gregos dispuseram as suas linhas de batalha no centro da baía, enquanto os persas haviam embarcado apenas metade da sua infantaria. Formando uma frente com oito homens de profundidade, os

⁸ Recriminaram-se amargamente por não terem participado da glória da vitória sobre os persas.

gregos estenderam as suas linhas para se nivelarem aos persas e afinaram o seu grupo central para quatro homens de profundidade. Os plateianos estavam posicionados no flanco direito, enquanto os atenienses estavam no centro e à esquerda. As melhores tropas persas e sacas comandavam a partir do centro, possivelmente com até dez homens de profundidade. Isso era uma tática persa comum, logo o afinamento das linhas de hoplitas gregos no centro pode ter sido uma tática deliberada de Milcíades ou Calímaco para permitir que os flancos envelopassem os persas à medida que eles avançasse pelo centro. Por outro lado, os gregos não poderiam permitir uma frente mais estreita que a dos persas, pois isso lhes permitiria chegar atrás das linhas gregas nas alas e tornar a formação das falanges irremediavelmente exposta para atacar. As duas linhas de homens - invasoras e defensoras - se estendiam por 1.500 metros e agora estavam a apenas 1.500 metros uma da outra.

A Batalha

Acavalaria persa está misteriosamente ausente da cena de batalha, e sobre isso outra vez as fontes antigas e os historiadores modernos não chegam a um consenso. Pode ter ocorrido que Dátis não pudesse usá-la de modo efetivo por causa das esporádicas árvores que pontilhavam a planície ou pode ter ocorrido que ele de fato a tivesse enviado (ou estivesse planejando enviá-la) com outras tropas em direção a Atenas, seja numa tentativa de tomar a cidade enquanto os gregos estivessem em Maratona, seja porque a sua própria ausência fosse para instigar o exército grego a entrar na batalha antes de os espartanos chegarem.

“DE ACORDO COM A TRADIÇÃO, 6.400 PERSAS FORAM MORTOS, CONTRA APENAS 192 GREGOS”.

Enfim, porém, a infantaria de ambos os lados entrou em batalha. Movendo-se uma em direção à outra, com os gregos correndo os últimos 400 metros indubitavelmente sob o disparo dos arqueiros persas, os dois exércitos se chocaram. Seguiu-se um longo e sangrento combate, e os persas, quiçá previsivelmente, empurraram o enfraquecido centro grego para trás. Contudo, tanto o flanco direito quanto o flanco esquerdo dos gregos obtiveram vantagem sobre os persas, empurrando-os para trás. As linhas estavam, portanto, quebradas, resultando numa peleja confusa. Os persas, em debandada tanto à esquerda quanto à direita, fugiram de volta para os seus navios, mas, para chegarem até lá, eles tinham de atravessar uma vasta área pantanosa. Nessa confusa retirada, as alas gregas se acercaram do centro persa e não só o atacaram como também

perseguiram os flancos persas em fuga, infligindo pesadas baixas. Um combate intenso continuou ao redor dos navios persas, e foi nessa ação que Calímaco foi morto. Ao cabo, os gregos capturaram sete navios do inimigo, mas o resto da frota escapou com quaisquer persas que tenham conseguido escalar a bordo.

Os gregos obtiveram uma grande vitória. De acordo com a tradição, 6.400 persas foram mortos, contra apenas 192 gregos. A primeira cifra é razoavelmente precisa, mas a segunda foi provavelmente diminuída para fins propagandísticos. Porém, os persas não estavam acabados, pois Dátis estava agora velejando rumo ao cabo Sunião, numa tentativa de atacar Atenas enquanto o exército grego estivesse longe. Os gregos podem ter sido alertados desse avanço por um sinal do escudo de um traidor proveniente do Monte Pentélico que foi, quiçá injustamente, creditado ao clã Alcmeônida. Sem dúvida exausto, o exército grego foi, todavia, compelido a marchar em velocidade dobrada de volta a Atenas para defender a cidade. A sua chegada na noite do mesmo dia parece ter sido o bastante para desencorajar os persas ancorados ao largo do porto de Falero, fazendo com que a sua frota se retirasse de volta à Ásia. Nesse momento, 2.000 espartanos finalmente chegaram, mas eles não foram necessários porque a vitória já estava completa.

O Rescaldo

De volta a Maratona, os mortos foram cremados e enterrados no lugar, um procedimento incomum (aliás, o túmulo é ainda visível hoje), e uma coluna comemorativa foi erigida como troféu (cujos fragmentos estão agora no Museu Arqueológico de Maratona). Sacrifícios foram feitos em agradecimento aos deuses, com destaque para 500 cabras a Ártemis Agrotera, e, a cada ano a partir de então, um sacrifício foi feito no lugar da batalha - um ritual que continuou por 400 anos. Os atenienses construíram uma coluna e uma estátua de Íris (ou Nice) na sua acrópole em honra de Calímaco e da sua participação na vitória; estátuas e espólios de guerra foram consagrados no grande santuário de Delfos. A vitória foi também rememorada na escultura grega pelo renomado escultor Fídias - um grupo de bronze em Delfos que incluía Apolo, Ártemis e Milcíades e uma colossal Atena de bronze na acrópole ateniense. Por fim, um templo a Ártemis Eucleia foi construído em Atenas, e a batalha foi o tema da escultura no lado sul do Templo de Atenas Nice, entre 425 e 400 a.C., também em Atenas.



Tesouro dos Atenienses, Delfos

Avitória foi um grande impulso moral para os gregos, e todos os tipos de lendas surgiram com base nos eventos de setembro. Visões do mítico herói ateniense Teseu durante a batalha e a intervenção de Pã foram apenas algumas das histórias que ajudaram a explicar como os gregos haviam conseguido derrotar o poderoso exército persa. Além disso, veteranos da batalha carregaram, daí em diante, uma peça com o touro de Maratona (originário do mito de Hércules) nos seus escudos para orgulhosamente mostrar a sua participação nessa grande vitória.

Não obstante a euforia grega com a vitória, as ambições persas não esmoreceram pela derrota em Maratona, pois, dentro de uma década, o rei Xerxes deu prosseguimento à visão do seu predecessor Dario e, em 480 a.C., reuniu uma enorme força invasora para atacar a Grécia, dessa vez pelo passo das Termópilas. Em agosto de 480 a.C., um pequeno grupo de gregos liderados pelo rei espartano Leônidas defendeu o passo por três dias e, ao mesmo tempo, a frota grega conseguiu conter os persas na Batalha Naval do Artemísio. Juntas, essas batalhas deram tempo à Grécia e possibilitaram as vitórias vindouras, primeiro em Salamina em setembro de 480 a.C., em que os gregos atraíram os persas para águas rasas, e em Plateia, em agosto de 479 a.C., em que os gregos, mobilizando o maior exército de hoplitas já visto, venceram a batalha que finalmente encerrou as Guerras Persas na Grécia.

A Maratona (corrida)

Uma última lenda de Maratona, pela qual se carregou seu nome até os dias atuais, é o relato de Heródoto sobre um mensageiro de longas de distâncias (*hēmerodrómos*) chamado Fidípides. Ele foi enviado para obter a ajuda dos espartanos antes da batalha e correu até Esparta, parando primeiro em Atenas, totalizando uma distância de 240 quilômetros (um feito repetido por um atleta em 1983).

Fontes posteriores, começando por Plutarco no século I d.C., confundem essa história com outra mensagem enviada a partir de Maratona *depois* da batalha para anunciar a vitória e informar a iminente chegada da frota persa a Atenas. Em todo caso, foi dessa segunda lenda que uma corrida - que cobre a mesma distância de 42 quilômetros entre Maratona e Atenas - foi estabelecida na primeira edição moderna dos Jogos Olímpicos em 1896, a fim de rememorar os ideais desportivos da Grécia Antiga e os jogos originais realizados em Olímpia. De modo condizente, a primeira maratona foi vencida por um grego, Spirídon Louis.

Bibliografia

- Boardman, J. *Greek Sculpture*. Thames & Hudson, 1995.
 - Burn, A.R. *The Penguin History of Greece*. Penguin Books, 1990.
 - Campbell, B. (ed). *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*. Oxford University Press, USA, 2013.
 - Herodotus. *The Histories* (trans. A. De Sélincourt). Penguin, London, 2003
 - Hornblower, S. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford University Press, USA, 2012.
 - Kinzl, K.H. (ed). *A Companion to the Classical Greek World*. Wiley-Blackwell, 2010.
 - Sekunda, N. *Marathon 490 BC*. Osprey Publishing, 2010

A INTENTONA COMUNISTA DE 1935 EM POUCAS PALAVRAS

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

"O comunismo não é a fraternidade; é a invasão do ódio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens; é a sua extermínio mútua".

Ruy Barbosa

“O fascismo e o comunismo não são duas coisas opostas, mas duas gangues rivais que lutam pelo mesmo território... ambos são variantes do estatismo, que se baseia no princípio coletivista de que o homem é um escravo do Estado, sem direitos”.

Ayn Rand - Filósofa russo-americana

No dia 27 de novembro (1) recordamos amargamente a grande traição perpetrada pela esquerda brasileira – a chamada Intentona Comunista de 1935.

Este é um breve apanhado dos acontecimentos daqueles dias fatídicos.

Em 1908 surge, no Rio de Janeiro, a Confederação Operária Brasileira (COB), inspirada nos postulados de Karl Marx e Friedrich Engels. Seu órgão oficial foi o jornal “A Voz do Trabalhador”, que adotou uma linha grevista-reivindicatória e contrária ao Serviço Militar.

Com a Revolução Comunista na Rússia em 1917 a COB ganha força e passa a atacar acintosamente o Governo Federal. Mesmo desativada em 1918, continuou a operar de forma descentralizada até 1920. Seu legado foi a politização dos trabalhadores no Brasil.

Em 1922, é organizado o Partido Comunista Brasileiro (PCB), no Rio de Janeiro, negando o sentimento de Pátria e manifestando a tomada do poder pela força. O PCB lança o jornal “O Movimento Comunista” e em seguida o periódico “A Classe Operária”.

Em seguida, surgem no cenário duas novas organizações de esquerda, o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) (2) e a Federação Sindical, ambas nitidamente subversivas.

A agitação reinante (3) faz o Presidente Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa pedir imediatamente o Estado de Sítio, aprovado pelo Congresso no dia 5 de julho por 30 dias e, findo este prazo, prorrogação até 31 de dezembro.

Eleito, Arthur da Silva Bernardes assumiu a presidência em 15 de novembro de 1922, em pleno Estado de Sítio, somente suspenso em 1927, já no mandato de Washington Luís Pereira Gomes.

No mesmo ano de 1922 o Congresso havia aprovado a lei que colocou o PCB na ilegalidade.

O movimento comunista passa a ser clandestino. Mesmo assim, em um congresso, o Partido escolhe Luís Carlos Prestes para líder que, convidado, aceita (4).

Em 1931, Luís Carlos Prestes segue para a União Soviética, onde faz cursos de liderança comunista. No regresso (5), assume a direção do Partido. As atividades comunistas ganham incremento.

Em 1934, surge a Aliança Nacional Libertadora (ANL), nova organização comunista, melhor estruturada. A ANL será o dínamo da Intentona e Prestes é o Presidente.

Neste contexto, o deputado Carlos Lacerda lê em plenário um manifesto de ataque ao governo, combatendo o imperialismo e o latifúndio. O manifesto favorece os comunistas.

Ainda em 1935, chega ao Brasil um agente da Internacional Comunista, o Komintern - Artur Ernest Ewert (6), para auxiliar na articulação do movimento. A propaganda comunista chega aos quartéis, através de elementos doutrinados por Prestes e por Agildo Barata, entre outros. O assalto sóciocomunista para tomada do poder passa a se tornar iminente.

A 23 de novembro inicia-se o levante em Natal, estendendo-se ao Recife em 24 e ao Rio de Janeiro em 27. Na Capital Federal, irrompe no 3º RI (Praia Vermelha) e na Escola de Aviação (Campo dos Afonsos).

No 21º BC em Natal, às 1930 h de 23 de novembro (sábado), dois sargentos, dois cabos e dois soldados prenderam o Oficial de Dia Tenente Abel Cabral, o Tenente José Cícero de Souza e o Sargento João Baradas, todos recolhidos ao cassino dos oficiais. Depois disto, os revoltosos abriram o quartel para os demais.

Muitos eram remanescentes da recém extinta Guarda Civil. O armamento e a munição foram retirados das reservas e paixões. Armados, os revoltosos atacaram o quartel da Polícia Civil que, depois de 19 horas de resistência, rendeu-se. Após dominarem a situação, os revoltosos instalaram o Comitê Popular Revolucionário, também chamado Governo Revolucionário Popular. Os comunistas só fugiram com a ação das tropas federais, depois de terem feito vários assassinatos, saques e arrombamentos, ao longo de quatro dias. Presos logo após, responderam processos na justiça (7).

Em Recife, quando os militares comunistas souberam dos acontecimentos em Natal, insurgiram-se contra seus comandantes. Em Olinda, no dia 24, civis comandados por um sargento, atacaram a Cadeia Pública, apoderando-se do armamento. A Secretaria da Segurança Pública, bem como o QG da 7ª RM foram também atacados. No CPOR, um sargento matou um oficial e feriu outro, sendo preso em seguida.

Os confrontos mais graves ocorreram no 29º BC, sediado na Vila Militar de Socorro, que sublevou-se marchando em direção a Recife. As tropas revoltosas eram comandadas pelo capitão Otacílio Alves de Lima e pelo tenente Lamartine Coutinho Correia de Oliveira, comandante de Companhia. Este, colocou sua tropa contra as forças legais, no que foi seguido por outras subunidades. Lamartine apossou-se de todo o armamento e suas tropas ocuparam vários pontos do Recife.

Com o reforço de tropas das Alagoas e da Paraíba o comandante das forças legais, Tenente-Coronel Afonso Augusto de Albuquerque Lima, conseguiu cercar os rebeldes. Resultado: dezenas de mortos, cerca de 100 feridos e 500 rebeldes presos.

No Rio de Janeiro aconteceram os fatos mais graves, por ser a Capital Federal. Os dois locais de maiores levantes comunistas foram o 3º RI (Praia Vermelha) e a Escola de Aviação (Campo dos Afonsos).

No 3º RI, a doutrinação esquerdistas tinha atingido oficiais e graduados, em todas as subunidades. Os líderes eram os capitães Álvaro Francisco de Souza, Agildo Barata e José Leite Brasil. A unidade estava de prontidão no dia 26 de novembro, em função dos acontecimentos no NE. Neste dia, à tarde, o Capitão Agildo Barata recebeu ordem de Luís Carlos Prestes para deflagrar o movimento na madrugada de 26/27. O primeiro tiro foi disparado às 0200 h, no pátio do Regimento. Em seguida, a Companhia de Metralhadoras foi atacada e reagiu, sob o comando do Capitão Álvaro Alves da Silva Braga. Depois de muito tiroteio e prisões de oficiais legalistas, os comunistas, ao amanhecer, dominaram o RI, inclusive com a prisão de seu Comandante, Coronel José Fernando Afonso Ferreira.

A reação legalista, comandada pelo General Eurico Gaspar Dutra, não tardou, tendo a tropa cercado o 3º RI. Sob ataque de Infantaria e Artilharia, os amotinados não resistiram e renderam-se, já por volta das 1300 h do dia 27 de novembro, uma 4ª feira.

No Campo dos Afonsos, o ataque rebelde iniciou por volta de 0200 h do mesmo dia 27, liderado pelos capitães Sócrates Gonçalves da Silva e Agliberto Vieira de Azevedo à frente de 30 homens.

Dois outros capitães, legalistas, foram assassinados. Um outro oficial foi morto após ter sido preso, já desarmado e incapaz de reagir. Os amotinados apossaram-se do armamento e munição e buscaram os hangares, para acionar os aviões, mas as baterias de obuses do Grupo Escola de Artilharia impediram o acesso.

No 1º Regimento de Aviação, vizinho à Escola, o comandante Tenente-Coronel Eduardo Gomes comandou a reação com êxito, até a chegada das forças legais. Muitos revoltosos fugiram e 254 foram presos.

Anos depois, os sócio-comunistas da Intentona de 1935 foram anistiados e perdoados pela Sociedade, mas realizaram, em 1964 e 68, novas tentativas.

O saldo da Intentona Comunista de 1935 foi de mais de 100 mortos, entre civis e militares, e 500 mutilados e feridos.

Referências:

Atlas Histórico do Brasil/FGV

www.dhnet.org.br/memoria/1935/livros/giocondo/cap4_rebeliao.htm

SILVA, Hélio. 1935 – A Revolta Vermelha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

Notas:

(1) Em 2025, 90 anos.

(2) Posteriormente denominada “Confederação”.

(3) Em parte causada pela revolta tenentista iniciada em 05 de julho de 1922.

(4) Prestes era conhecido nacionalmente pela participação na Coluna de Miguel Costa (movimento tenentista, não socialista).

(5) Prestes chegou ao país clandestinamente em abril de 1935, com sua companheira Olga Guttmann Benário, uma alemã militante comunista que foi deportada para a seu país de origem pela justiça brasileira. Estava grávida.

(6) Arthur Ernest Ewert, também conhecido como Harry Berger, foi um militante comunista internacional. Nascido em 1890 na Prússia Oriental, já parte integrante da Alemanha, Ewert entrou para o Partido Comunista Alemão em 1921.

(7) Além de Natal, foram ocupadas outras cidades do Rio Grande do Norte, como Ceará-Mirim, Baixa Verde, São José de Mipibu, Santa Cruz e Canguaretama. Os rebeldes organizaram uma coluna em direção a Recife, outra para Mossoró e outra para Caicó. Mas em 27 de novembro as tropas do Exército e as polícias militares dos estados vizinhos retomaram o poder dos revoltosos, entregando-o ao governador Rafael Fernandes Gurjão. Iniciou-se então a prisão dos amotinados e de todos os opositores do governador, entre os quais figuravam os chefes políticos João Café Filho e Kerginaldo Cavalcanti.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

#####
#

VAE VICTIS é uma expressão latina que significa "Ai dos vencidos", ou, mais analiticamente, "triste sorte aquela reservada aos derrotados", pois os derrotados em batalha estão inteiramente entregues à misericórdia dos seus conquistadores e não devem esperar ou pedir leniência. A maioria dos eventos relatados por historiadores antigos sobre o início da história romana são considerados lendas. O saque gaulês de Roma é um dos primeiros eventos que os estudiosos modernos têm confiança de ter realmente acontecido, sem aceitar os vários incidentes pitorescos relatados pela tradição. De acordo com a tradição, em 390 a.C. um exército de gauleses liderados por Breno atacou Roma, capturando toda a cidade à exceção do Monte Capitolino. Breno montou cerco contra o monte e finalmente os romanos pediram para pagar pelo resgate da cidade. Breno pediu 1 000 libras (329 kg) de ouro; os romanos aceitaram os termos. De acordo com a vida de Camilo de Plutarco e *Ab Urbe condita libri* de Tito Lívio (livro 5, seções 34-49), os gauleses trouxeram os próprios pesos usados para medidas e as balanças, que seriam usados para medir a quantidade de ouro. Os romanos trouxeram o ouro, mas clamaram que os pesos usados como medidas estavam manipulados favorecendo os gauleses. Os romanos reclamaram com Breno, que pegou na sua espada e a lançou em cima dos pesos, exclamando: "Vae victis!" Os romanos então precisaram trazer ainda mais ouro para contrabalançar o peso da espada adicionada. Lívio e Plutarco clamam que Camilo subsequentemente conseguiu derrotar os gauleses antes que o resgate fosse pago; entretanto, Políbio, Diodoro Sículo e uma passagem posterior de Lívio contradizem isso.

(Contribuição do Dr. Amadeu de Almeida Weinmann, acadêmico da AHIMTB/RS)

\$

"A paciência não é esperar sem agir, é confiar no tempo certo enquanto seguimos construindo o nosso caminho".

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -Delegacia Heróis de

Guararapes: http://historiapatriota.blogspot.com